

Gênero e sexualidade – conhecendo a história para transformar o futuro

Rita de Cassia Vieira Borges¹

Fundação Educacional de Penápolis (FUNPEPE)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar as discussões realizadas através das oficinas educativas e psicossociais desenvolvidas durante o Estágio de Psicologia Social I e II no ano de 2010. Nosso público-alvo constituiu-se de nove adolescentes do sexo feminino, em situação de direitos violados, atendidas em um Centro de Referência Especializado de Assistência Social- CREAS. Guiando-nos pelo referencial teórico da Psicologia Social crítica, cujos fundamentos são pautados no materialismo histórico e na lógica dialética, buscamos construir um contexto dialógico de produção compartilhada de sentidos a partir da troca de experiências, promovendo discussões relacionadas a gênero e violência contra a mulher; sexualidade, identidade de gênero e papéis de gênero, categorias estas entendidas como construções histórico-culturais.

Palavras-Chave: adolescentes; violência; gênero; sexualidade.

¹ E-mail: ritacvborges@hotmail.com

Link de acesso ao CV: <http://lattes.cnpq.br/7698546672457547>

O Estágio² Supervisionado em Psicologia Social I³ e II⁴ foi desenvolvido nos dois semestres de 2010, tendo por objetivo a criação de oficinas de discussão sobre questões relacionadas a gênero e violência contra a mulher, num primeiro momento e, no segundo, questões relativas à sexualidade, identidade de gênero e papéis de gênero, categorias entendidas como construções histórico-culturais.

Nosso público-alvo foi um grupo de adolescentes atendidas por um Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, tendo como proposta propiciar-lhes um espaço de debates e reflexões que possibilitassem a elaboração de novos modos de pensar a formação de subjetividades livres de preconceitos. O grupo foi composto por meninas da faixa etária de 13 a 17 anos, com escolaridade variável entre 5ª série e 3º ano do ensino médio, todas estudantes de escolas públicas, originárias de famílias de baixa renda. Soma-se a este perfil o fato da grande maioria ser, ou ter sido vítima de algum tipo de violência doméstica – física, psicológica, sexual e/ou negligência.

Durante o estágio, foram realizadas dezesseis oficinas, oito em cada semestre, com duração média de três horas e frequência oscilando entre três e nove participantes. Os assuntos foram abordados através de dinâmicas de grupo, elaboração de cartazes, complementos de frases, reflexões sobre letras de músicas, apresentação de filme e vídeos, sempre seguidos de discussões acerca dos seus significados culturais, ressaltando-se que estes, expressos pela palavra, determinam nossos pensamentos, instituindo as subordinações identitárias por meio das relações sociais de poder.

Para compreender os processos grupais e/ou educativos, guiamo-nos pelo referencial teórico da Psicologia Social crítica proposta por Sílvia Lane que, embasando-se nos fundamentos teóricos do método dialético, apregoa a indivisibilidade entre objetividade e subjetividade, considerando que somente através do materialismo histórico e da lógica dialética a psicologia pode intervir efetivamente na rede de relações sociais que define cada indivíduo.

Referindo-se à especificidade das ações psicossociais, a autora observa que as relações grupais devem ser compreendidas como mediadas pelas instituições sociais que determinam normas de comportamento. Tendo como objetivo contribuir com a tomada de consciência de seus componentes sobre as condições históricas comuns, visa levá-los a superar as individualidades e as contradições presentes no cotidiano através do processo de identificação e planejamento de atividades conjuntas, passando a constituir uma unidade, “um grupo-sujeito da transformação histórico-social” (Lane, 1984, p. 16).

Adotando a perspectiva de gênero para ancorar as discussões sobre gênero, sexo e sexualidade, propusemo-nos a desnudar os mecanismos de constituição das relações forjadas entre machos e fêmeas, focando o preconceito de gênero como fonte geradora da violência contra a mulher, ressaltando a importância de se conhecer e compreender o seu processo de construção para transformá-los.

Para a discussão do aspecto histórico-social da construção de gênero, fazendo um recorte das teorias afins, apoiamo-nos em Scott (1990), Rubin (2003) e Saffioti (1987).

² Realizado em parceria com a também aluna Fabiana T. de Almeida.

³ Supervisora: Prof^a MS. Érika C. S. Oliveira.

⁴ Supervisora: Prof^a MS. Sandra E. Spósito.

De acordo com Scott (1990), gênero é uma construção histórica e social, fundante da organização da sociedade que naturaliza as relações de dominação das mulheres pelos homens e estrutura as desigualdades sociais, implicando abarcar outras questões para compreendê-lo, tais como classe e etnia.

Segundo a autora, para se discutir o sistema de significados e a construção das identidades é preciso ir além das posturas binárias em relação à sexualidade humana, reconhecendo-se o potencial do sujeito à bissexualidade e contrapondo-se aos valores heteronormativos impostos socialmente. Transformar este modelo de organização social exige reconhecer o gênero como uma forma primária de dar significado às relações de poder, conhecendo suas origens para promover mudanças nas instituições que as legitimam, tais como: a religião, a família, as escolas, as ciências, as políticas e os mecanismos jurídicos.

Rubin (2003) define o sistema de sexo/gênero como um conjunto de arranjos que sustenta a transformação da sexualidade biológica em produtos da atividade humana, observando que o elemento histórico e moral traçam como destino das mulheres, e não o dos homens, a realização de tarefas domésticas; o sistema capitalista determina a liderança e o poder como prerrogativas masculinas; o sistema de parentesco transforma machos e fêmeas em homens e mulheres, estabelecendo a função das relações sexuais apenas como meio de reprodução da espécie.

Para enriquecer as reflexões acerca da identidade de gênero, apoiamo-nos nos dizeres de Saffioti (1987) sobre a representação social da mulher, enfatizando que o processo histórico de domesticação e a ideologia que a mantém na condição de sexo frágil encontra-se tão arraigada que elas próprias se assumem como inferiores aos homens. A autora admite como fatores constitutivos da subjetividade feminina subalterna o tripé: patriarcado, como sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem; a divisão da população em classes sociais e as diferenças raciais e/ou étnica.

Dentre as autoras utilizadas para discutirmos a violência, destacamos os estudos de Gregori (1992), Souza e Minayo (1999), bem como de Saffioti (2004).

Na visão de Gregori (1992), a configuração dos comportamentos masculinos e femininos é descrita como se os homens agissem (humilhando e agredindo) e as mulheres sentissem (medo, vergonha e culpa), fomentando o predomínio do princípio da dualidade entre pessoas de sexo oposto, entre o público e o privado (lugar da privação da relação com os outros pela palavra e pela ação na existência política).

Propondo outro modo de apreender os relacionamentos violentos, as diferenças e a pluralidade constitutivas do universo feminino, a autora admite a possibilidade da violência ser uma forma de comunicação, alertando ser necessário entender como as mulheres se vêem nessas relações e qual a visão que têm de seus parceiros, devendo reconhecer-se não apenas como produto, mas como alguém que se produz como não-sujeito, criando a própria vitimização ao consolar-se com a posição de mártir, alimentando o circuito que a encarcera.

Na opinião de Souza e Minayo (1999), a violência é um comportamento aprendido e culturalizado, dando a falsa impressão de ser parte da natureza biológica humana. Ressaltam o seu caráter multifacetário e a exigência deste fenômeno ser estudado, desconstruído e superado através das relações cotidianas de determinada sociedade, no contexto que a produziu.

Diante do até então exposto, trouxemos o conceito de empoderamento para pensarmos nos modelos de resistência e enfrentamento da violência, assim como das construções de gênero.

Embasando nossa discussão na perspectiva da autogestão das escolhas conscientes e da história de vida, lançamos mão das contribuições de León (2001, p. 94) que, referindo-se à bandeira empunhada pelo movimento feminista do terceiro mundo, salienta a emergência do empoderamento das mulheres, termo definido como a capacidade de assumir o controle de suas vidas, gozando da habilidade de “fazer coisas e de definir as próprias agendas”.

León (2001, p. 99) ressalta que a emancipação feminina, a conquista da autoconfiança e da autoestima devam integrar-se ao contexto comunitário em que haja cooperação e solidariedade, considerando que a luta pela superação das desigualdades de gênero pressupõe a não polaridade entre os sexos, mas “(. . .) um empoderamento psicológico e emocional, por meio dos quais os homens avancem em direção à superação da couraça limitante que os colocam os estereótipos de gênero, (. . .) embotando-lhes a capacidade de expressar seus sentimentos, de transmitir ternura, de chorar como nós, mulheres”.

Nossas discussões acerca de sexo/sexualidade foram orientadas pela proposta de Giddens (1993, p. 177), que argumenta: “a sexualidade, expressa de modo adequado, é a nossa principal fonte de felicidade, e quem é feliz está livre da sede de poder”.

O autor apregoa que, para analisar a construção dos valores e crenças fundantes da atual representação social da mulher, há que se resgatarmos as transformações ocorridas na divisão do trabalho e nas relações entre pais e filhos. Dito isto, acentua que, a partir do final do século XVIII, o poder do homem sobre a família foi reduzido, limitando-o ao local de trabalho, delegando-se à mulher o papel idealizado de “mãe e esposa devotada”. Esta, envolta na atmosfera do amor romântico feminilizado, teve confinada sua sexualidade ao casamento (intimidade/amor puro) e negada a sua capacidade para o prazer sexual.

Sobre as discussões a respeito da sexualidade no contexto atual, considerando ser o nosso público-alvo constituído de adolescentes, utilizamos as reflexões de Furlani (2008) a respeito da educação sexual praticada nas escolas e do tabu existente nos currículos escolares. Na opinião da autora, estes fomentam os processos de produção das diferenças e de pedagogias culturais que traduzem as representações e referências acerca da construção das identidades culturais e das múltiplas posições de sujeitos, acirrando as relações de poder presentes nos sistemas de significação, marcando e instituindo as subordinações identitárias:- de gênero, sexualidade, geração, etnia, raça, condição física, religião, nacionalidades, classe social etc.

Diante disso, Furlani (2008) propõe uma abordagem crítica dos mecanismos históricos e políticos que estigmatizam os diferentes; que criam binômios excludentes, tais como: homossexual x heterossexual, homem x mulher, masculino x feminino, impondo os conceitos positivos ou negativos que norteiam as práticas de significação observadas nas disciplinas, nas normas regimentais e nas formas de avaliação, traduzindo signos das representações sociais discriminantes perpetuados pela linguagem.

A autora reflete que, para subverter a ordem e os valores que colocam a heterossexualidade como padrão hegemônico de relacionamento, é importante

ressignificar positivamente o relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, privilegiando o aspecto afetivo amoroso independente do sexo, reconhecendo, assim, o direito à livre “escolha” de orientação sexual, de outras práticas sexuais como o autoerotismo (masturbação) ou a privação de parceiros (sexo virtual, por exemplo), acentuando a afinidade, o respeito e o carinho mútuo, ao invés da penetração vaginal propriamente dita.

Pautando-nos nos referenciais teóricos acima expostos, promovemos junto às adolescentes importantes reflexões relativas à educação recebida – formal e informal, bem como aos comportamentos cotidianos irrefletidos e às “escolhas” condicionadas, levando-as a se identificarem como frutos e reprodutoras dos estereótipos que envolvem as relações de gênero e a sexualidade humana.

Discutir as letras de músicas, o conteúdo dos vídeos e slides apresentados revelou-se como valioso instrumento para atingirmos os objetivos propostos no estágio, abrindo espaço para que as participantes colocassem os tabus antes despercebidos, identificando as formas repressoras da “educação sexual” recebida nas instituições – escolas, igrejas, família etc., bem como os diversos mitos que envolvem a vivência da própria sexualidade.

As respostas ao questionário aplicado nos permitiram conhecer o ponto de vista das adolescentes no tocante a: vida sexual ativa; sexualidade; auto-aceitação; respeito e gênero, evidenciando valores baseados em tabus e ideias pré-concebidas e/ou irrefletidas, ressaltando a emergência do aprofundamento dos temas, principalmente com as novas participantes.

A partir dos relatos sobre suas experiências cotidianas, foi possível discutir alguns aspectos vivenciais relacionados aos assuntos, oferecendo-lhes subsídios que, potencialmente, contribuíssem para uma ressignificação de modos de pensar e agir sobre o seu contexto social, sensibilizando-as para a necessidade de lutar pela desconstrução de preconceitos arraigados e por relações mais democráticas.

Um dos momentos mais relevantes se deu em torno da discussão do papel da educação primária como base original dos padrões de comportamento sexistas reproduzidos pelas mulheres ao tratarem de forma diferenciada os filhos em relação às filhas. A título de ilustração, transcrevemos algumas das expressões que fundamentaram nossas inferências: “É verdade, quando um casal tá junto há bastante tempo e não tem filhos (como a minha irmã), o povo já fala que não transa ou que ela deve ter alguma doença...” (comunicação pessoal de S. R. L., 13 anos); “É mesmo, quando uma menina começa a namorar, as mães já vão logo pensando em sexo e gravidez; o povo já fala – ih, daqui a pouco aparece de barriga!” (comunicação pessoal de K. G. R. S., 14 anos); “A minha mãe só quer que o filho dela coma todas as meninas, mas quer prender a gente com medo de engravidar; diz que, daí, nenhum homem vai mais querer a gente” (comunicação pessoal de J. T. R., 15 anos).

Outras colocações das adolescentes remetem ao ideário constitutivo da visão que estas têm de si e do mundo, com plenas possibilidades de mudanças - Falas no início das oficinas: “É mesmo! Os homens não limpam casa, nem lavam roupas; podem morar sozinhos, viajar, sair com os amigos, trabalhar fora, bater no outro, enfim, podem tudo...” (comunicação pessoal de S. R. L., 13 anos); “Meu irmãozinho já passa a mão na bunda das meninas e todo mundo acha graça, diz que ele é taradinho...” (comunicação pessoal de T. M. S., 15 anos). Falas na conclusão dos trabalhos do primeiro semestre:

“Antes, eu achava que Deus fez a mulher e o homem assim, por isso, se fosse de outro jeito estava errado” (comunicação pessoal de B. N., 13 anos). “Agora, entendi que isso não tem nada a ver! Agora, eu acho que sapatões também são legais” (comunicação pessoal de J. T. R., 15 anos). “Se as nossas mães tivessem ouvido isso, podia ser diferente hoje...” (comunicação pessoal de J. M. S. S., 15 anos).

Ressaltando o caráter pontual das ações empreendidas neste estágio, bem como os resultados positivos obtidos em tão curto espaço de tempo, lembramos que a tomada de consciência sobre a própria realidade exige tempo e exercício permanente de reflexões, o que poderá ser viabilizado, também, através dos serviços prestados no âmbito das diferentes políticas públicas, como a Assistência Social, Saúde e Educação, discutindo-se saídas estratégicas para a transformação das estruturas sociais que sustentam este estado de coisas, assegurando-se o compromisso político com as categorias oprimidas.

Borges, R.C.V. (2012) **Gender and sexuality – knowing history to change the future**. *Revista de Psicologia da UNESP 11(1)*, 86-92.

Abstract: *The present work has the objective to show the discussions through educative and psychosocial workshops developed during the Social Psychology Apprenticeship I e II, in the year of 2010. Our target public was formed by nine female gender teenagers, which were in violated directs situation, attended in a Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Guiding by the Critical Social Psychology theory, which fundamentals are based on Dialectical Materialism and on the dialectical logic, we aim to build a dialogic context of shared meanings production, from experiences trades, promoting discussions about gender and violence against women; sexuality, gender identity and social roles of gender, categories which are understood as historical and cultural constructions.*

Keywords: *teenagers; violence; gender; sexuality.*

Bibliografia

FURLANI, J. (2008, maio/ago.). Mulheres só fazem amor com homens? a educação sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **Revista Pro-Posições**, vol. 19, n.2 (56).

GIDDENS, A. (1992). O Amor Romântico e Outras Ligações. In: **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, p. 47-58.

- _____. (1992). O Amor Romântico e Outras Ligações. In: **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, p. 175-200.
- GREGORI, M. F. (1992). **CENAS E QUEIXAS** – um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, p. 123- 199.
- LANE, S. T. M. (1984). A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In: LANE, S. T. M. & CODO, W. (Eds.), **Psicologia Social: o homem em movimento** (9a ed.). São Paulo: Brasiliense, p. 10-19.
- _____. (1984). O processo grupal. In: _____, CODO, W. **Psicologia Social. O homem em movimento** (9a ed.). São Paulo: Brasilense, p. 78-99.
- LEÓN, M. (2001). O Empoderamiento de las mujeres: encuentro Del primer y tercer mundos em los estúdios de gênero. **Revista La Ventana**, n.13, p. 94-106.
- MINAYO, M. C. S.; SOUZA; E. R. (1999). É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. In: *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, vol. IV, n. 1, p. 7-32.
- RUBIN, G. (2003). O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo. *Cadernos Pagú*, n. 21, p. p. 1-64.
- SAFFIOTI, H. I. B. (1987). *O Poder do Macho*. São Paulo: Editora Moderna.
- SCOTT, J. (1990). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre.

Recebido: 10 de fevereiro de 2012.

Aprovado: 16 de abril de 2012.